

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA**

CURSO DE PEDAGOGIA

LILIAN MONTEIRO ALVES DO NASCIMENTO

**DIFICULDADES E POSSIBILIDADES NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

**Aracaju – SE
2023.1**

LILIAN MONTEIRO ALVES DO NASCIMENTO

**DIFICULDADES E POSSIBILIDADES NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

Artigo científico apresentado à
Faculdade Amadeus, como requisito final
para obtenção do Grau de Licenciada em
Pedagogia
Orientadora: MsC. Carla Daniela Kohn

**Aracaju – SE
2023.1**

DIFICULDADES E POSSIBILIDADES NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Coordenador do Curso Msc. Williams dos Santos

Orientadora: Msc. Carla Daniela Kohn

Avaliadora Dr^a Áurea Machado de Aragão

Avaliadora Dr^a Tâmara Regina Reis Sales

Avaliação Final: _____

Aprovada em: Aracaju ____ / ____ / ____

N244d Nascimento, Lilian Monteiro Alves do
Dificuldades e possibilidades na alfabetização de jovens e adultos / Lilian Monteiro Alves do Nascimento ; orientação [de] Prof.^a Me. Carla Daniela Kohn. – Aracaju : FAMA, 2023.

23 f.

Artigo científico apresentado como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia – Faculdade Amadeus

Inclui bibliografia.

1. Aprendizagem. 2. EJA. 3. Metodologias. 4. Práticas. I. Kohn, Carla Daniela (orient.). II. Faculdade FAMA. III. Título.

CDU: 374.7

DIFICULDADE E POSSIBILIDADES NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Lilian Monteiro Alves do Nascimento¹

RESUMO

O presente trabalho teve como objeto de análise a Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA), trazendo como questionamento: a alfabetização de jovens e adultos tem sido suficiente para que eles saiam prontos para o mercado de trabalho? Para tanto, estabeleceu-se como objetivo geral analisar as dificuldades e possibilidades na alfabetização no jovens e adultos. Como metodologia para realização deste estudo de abordagem qualitativa, utilizou-se a pesquisa bibliográfica para o aprofundamento da temática apoiada em autores como Feire(1976), Nogueira(2009), Cunha(1996), dentre outros, seguida de um estudo de caso desenvolvido na turma de EJA da Escola Esperidião Monteiro, localizada no município de Santo Amaro das Brotas-SE, onde foram realizadas observações e aplicação de questionários com professores e alunos. Concluiu-se que o processo de ensino e aprendizagem para jovens e adultos possui as suas dificuldades, porém os educadores desenvolvem meios facilitadores para que estes sujeitos enfrentem a realidade e desenvolvam olhares alternativos em meio a sociedade. Nesta medida os estudos voltados para a EJA e formações dos educadores de maneira contínua trazem contribuições para o processo educativo deste público-alvo.

Palavras-chave: Aprendizagem. EJA. Metodologias. Práticas.

SUMMARY

The present work had Literacy in Youth and Adult Education (EJA) as its object of analysis, raising the following question: Has literacy training for young people and adults been enough for them to leave ready for the job market? Therefore, it was established as a general objective to analyze the difficulties and possibilities in literacy in young people and adults. As a methodology for carrying out this qualitative study, bibliographical research was used to deepen the theme supported by authors such as Feire(1976), Nogueira(2009), Cunha(1996), among others, followed by a case study developed in the EJA class at Escola Esperidião Monteiro, located in the municipality of Santo Amaro das Brotas-SE, where observations were made and questionnaires were applied to teachers and students. It was concluded that the teaching and learning process for young people and adults has its difficulties, but educators develop facilitating means for these subjects to face reality and develop alternative perspectives in society. To this extent, studies focused on EJA and educators' training continuously bring contributions to the educational process of this target audience.

Keywords: Learning: Methodologies. EJA. Practices. .

¹Formanda do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus -e:mail marazulcred@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada. Permite que o aluno retome os estudos e os conclua em menos tempo e, dessa forma, possibilitando sua qualificação para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho.

A EJA é ofertada tanto no ensino presencial, como à distância (EAD), a EJA era conhecida como supletivo. Hoje é um programa dividido em etapas, com abrangência do ensino fundamental ao médio.

Ela é dividida em duas modalidades, a EJAF conhecido com ensino fundamental: destinada a jovens a partir de 15 anos que não completaram a etapa entre o 1º e o 9º ano. E a EJA Ensino Médio, destinada a alunos maiores de 18 anos que não completaram o Ensino Médio. Ao concluir essas duas etapas, da modalidade da EJA, o aluno está preparado para realizar provas de vestibular e ENEM, para ingressar em universidades.

Observa-se que, apesar do esforço por parte dessa modalidade e dos professores envolvidos, percebe-se através de pesquisa que as dificuldades e fracasso nessa modalidade vão além das paredes da sala de aula. Este trabalho buscou analisar os motivos das desistências de muito, e a dificuldade de ingressar na escola fora da idade ideal.

Sabe-se o quanto é difícil para esses alunos retornarem à sala de aula, por eles entenderem que o período de alfabetização é quando somos crianças, tornando-se uma barreira para que o adulto seja alfabetizado como adulto, por esse motivo e outros, muitas vezes as escolas vão em busca desse aluno para vencer essa barreira. O estudo foi desenvolvido na escola Esperidião Monteiro, com a turma EJAF, composta por 25 alunos. A questão de pesquisa trazida foi: A alfabetização de jovens e adultos tem sido suficiente para que eles saiam prontos para o mercado de trabalho?

Diante do exposto foi definido como objetivo geral analisar as dificuldades e possibilidades na alfabetização dos jovens e adultos. E como objetivos específicos: identificar às dificuldades na alfabetização dos jovens e adultos e apresentar as possibilidades na alfabetização dos jovens e adultos.

A metodologia utilizada nesse estudo foi de abordagem qualitativa, com pesquisa exploratória, bibliográfica e descritiva, teve como instrumentos de coleta de dados questionário semiestruturado e observação.

Optamos pela pesquisa qualitativa que de acordo com Bogdan e Biklen (1994, apud SOARES; TELES 2016, p.80) esse tipo de pesquisa “trabalha com o ambiente natural e envolve a obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada.”

Do tipo descritiva, que procura explicar e descrever com fidedignidade o objeto investigado. Conforme Oliveira (2010, apud SOARES e TELES 2016, p.95) essa “busca faz uma descrição detalhada da forma como se apresenta o fenômeno, caracterizando-se como uma análise profunda da realidade pesquisada.”

Para fundamentar a análise dos dados coletados foi utilizada a pesquisa bibliográfica, apoiada em autores como Feire(1976), Nogueira(2009), Cunha(1996), entre outros, visto que a revisão de literatura é um pré-requisito na busca de entendimento do problema de todo e qualquer estudo.

Segundo Fonseca (2002)

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Após a pesquisa bibliográfica foi aplicado o estudo de caso, na turma de EJA da na escola Esperidião Monteiro, segundo o Goode e Hatt (1973, p,420) “o estudo de caso se caracteriza-se como o estudo profundo de um objeto, de maneira a liberar amplo e detalhado conhecimento sobre o mesmo, o que seria praticamente impossível através de outros métodos de investigação.”

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Dificuldades enfrentadas na alfabetização da EJA

A modalidade de ensino para jovens e adultos foi criada para beneficiar jovens e adultos que não conseguiram, por motivos diversos, concluir os estudos na idade apropriada. No capítulo II, Seção V e artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional nº. 9.394/96 está determinado que: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudar no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996 p.72).

Essa lei foi criada para reforçar a educação aos jovens e adultos, para conter a exclusão e marginalização social, enfrentada por eles, em que a grande parte se encontra fora das instituições escolares. Essa lei afirma que as escolas deverão ofertar a oportunidade apropriada para aos estudantes da EJA e incentivar o retorno à sala de aula. Os professores e a escola terão um grande desafio: oferecer uma educação de qualidade que incentive o aluno a permanecer no estudo e assim, combater a evasão escolar.

Não é só isso o desafio de trazer o interesse, em sala de aula, sabe que a falta de técnicas criativas hoje, contém várias dificuldades: físicas, tecnológicas e humanas. Investir no aluno adulto vale a pena, assim como as crianças, eles são indivíduos sujeitos a transformações para se tornar em melhores cidadãos, tendo assim um crescimento profissional através da educação.

Conforme Freire (1997, p.38), “O ensinar não é transferir conhecimento, mas possibilitar sua produção à construção”. O aluno adulto pode contribuir para a construção de uma aula legal.

O analfabetismo, certamente, é uma das grandes preocupações do nosso país, muitas vezes o jovem e o adulto se deparam com dificuldade em conciliar trabalho e estudo. A educação de jovens e adultos aconteceu como prática social pelo meio de instituições formais ou não. Na história do Brasil percebe-se as dificuldades encontradas nessa modalidade de ensino, a partir da época em que os jesuítas eram responsáveis pela educação até os dias de hoje. Para isso contribuíram também teorias mais modernas da psicologia que contestaram postulados anteriores de que a habilidade de aprendizagem dos adultos seria menor do que a das crianças.

No pensamento de Paulo Freire “tantos educandos quanto os professores são transformados em pesquisadores críticos. Os educandos não são uma lata de lixo vazia a ser completado pelo professor”. (curso de formação de alfabetizadores BB educar, 2005 p. 25). De novo Paulo Freire nos mostra que o jovem e o adulto quando chegam em sala de aula já tem seus conhecimentos, através de sua experiência de vida.

O desafio da educação de jovens e adultos é que sua realidade situa-se desconhecida pelos educadores, que não leva em consideração à realidade no processo de ensinar e aprender. Por isso, é importante que o professor conheça a realidade do seu aluno, sua experiência de vida, seus conhecimentos dentro e fora da escola e de acordo com essa realidade tem que levá-los à liberdade, ou seja, à autonomia como fala Freire (2002, p. 121):“autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser, não ocorre em data marcada, é neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrado em experiências respeitadas da liberdade”.

Para que o educador de jovens e adultos possa colaborar de fato com um aprendizado significativo, tem que estar pronto para atender esses alunos em todas as suas especificidades; ele tem que conhecer cada um deles, e partindo daí, relacionar o conteúdo a ser ministrado com o cotidiano e a realidade social de cada um, considerando suas esperanças por melhores condições de vida de trabalho e de satisfação pessoal, pois os educandos têm talentos (culinária, costura, pintura, poemas e versos etc.)

A grande questão ao avaliarmos nossas ações é que não se faz o que se quer, mais o que se pode. Uma das condições fundamentais é tornar possível o que parece não ser possível. Agente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível. (FREIRE,1991, p.6)

O educador deve trabalhar estratégias que despertem no jovem e no adulto a criatividade, a conscientização e o gosto de querer aprender sempre mais, e acreditar que seus saberes são importantes.

2.2 Um olhar de possibilidades na alfabetização da EJA

Para Nogueira (2009, p. 12) “o docente precisa considerar que lecionar envolve, além do domínio de técnicas pedagógicas e estratégias específicas um olhar afetivo para com o estudante”. É importante termos amor pelo que se faz, principalmente no ensino de adulto, por serem diferentes das crianças, muitos têm uma história de vida boa e outros ruins, nós como educadores precisamos conhecer o nosso aluno, para isso acontecer, precisamos deixar eles se expressarem, seja de forma boa ou ruim, aprendemos a respeitá-los e amá-los, conforme Freire (1976, p.76), “a educação só será verdadeira quanto mais se estimule a expressividade dos seres humanos”. Quem ama o que faz estimula a expressividade em sala de aula.

Paulo Freire criou uma proposta de alfabetização de adultos, com método de alfabetização que era desenvolvido com muito cuidado, carinho e dedicação pelo educador, e assim, mostrando que era possível alfabetizar-se.

Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escreve o que se entende. (...) Implica uma autoformação da qual se pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente diálogos com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com que os quais possa se alfabetizar (FREIRE, 1989, p.72).

O ser humano alfabetizado é um ser que se mantém incluído na sociedade como um ser participativo, é que saber ler e escrever, é uma das principais ferramentas para mantermos o contato com o próximo. Mostrando o quanto a educação formal é necessária para a vida de todos os homens, pois somente dessa maneira somos capazes de conhecer os nossos direitos e assim se preciso brigar por eles, pois de nada adianta saber que direito e deveres existem se não podemos fazer nada para colocá-los em prática.

A universalização do ensino elementar, a garantia de domínio dos códigos básicos de leitura e escrita e a superação do fracasso escolar terão que ser por nós enfrentados de forma tal que o propósito conteúdo do ensino, receba tratamento adequado ao mais pleno desenvolvimento cognitivo. Não se trata mais de alfabetizar para o mundo no qual a leitura era privilégio de poucos ilustrados, mas sim para contextos culturais nos quais a decodificação da informação escrita é importante para o lazer, o consumo e o trabalho. Este é um mundo letrado, no qual o domínio da língua é também pré-requisito para a aquisição da capacidade de lidar com códigos e portanto, ter acesso a outras linguagens simbólicas e não verbais, com as da informática e as das artes (MELLO, 1993, p.28).

Perceber que a EJA pretende formar pessoas com conhecimentos igualitários é fazer com que a educação seja valorizada. A ideia de Paulo Freire era que a escola tinha que ensinar o aluno a “ler o mundo”, pois somente sabendo a realidade do mundo e da cultura em que vive é possível ir atrás de melhorias, sendo assim para obter transformações é preciso inserir-se na realidade em que se vive.

Segundo Aranha,

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra (ARANHA, 1996, p.209).

No início dos anos 60, o pensamento pedagógico de Paulo Freire inspirou os principais programas de alfabetização e educação popular. Em 1964 foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização que, orientado pela proposta de Paulo Freire, previa o programa de alfabetização para todo o Brasil. Segundo Mool (2004, p.11):

Nesse sentido, quando falamos “em adultos em processo de alfabetização” no contexto social brasileiro, nos referimos a homens e mulheres marcados por experiências de infância na qual não puderam permanecer na escola pela necessidade de trabalhar, por concepções que as afastavam da escola como de que “mulher não precisa aprender” ou “saber rudimentos da escrita já é suficiente”, ou ainda, pela seletividade construída intimamente na rede escolar que produz ainda hoje itinerários descontínuos de aprendizagens formais. Referimo-nos a homens e mulheres que viveram e vivem situações limite nas quais os tempos de infância, foi via de regra de trabalho e de sustento da família.

Ao conhecer a história da EJA no Brasil, percebe-se que o conceito de educação está interligado com o contexto político e ao momento histórico trilhado, ou seja, o histórico da EJA está relacionado à própria história do Brasil. Apesar das conquistas que sobrevieram ao longo da história, a exemplo do reconhecimento desta modalidade de ensino como direito a ser garantido formalizado em lei, a EJA ainda passa por algumas contradições.

Relacionado às obrigações governamentais, entendendo que esta modalidade de ensino também necessita ser tratada como um direito aos milhões de jovens, adultos e adolescentes que por múltiplos motivos não concluíram ou cursaram o Ensino Fundamental, compreendendo que estes sujeitos têm o direito a uma política educativa que pense nas singularidades destes alunos.

Os professores da EJA, muitos são professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, por isso tentam diante das condições mudar sua forma de

ação em sala de aula, como retrata no documento Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos.

Muitos professores que integram os programas de educação de jovens e adultos têm ou já tiveram experiências com ensino regular infantil e, baseado nessa experiência colocam-se questões. ‘Os métodos e conteúdo da educação infantil servem para os jovens e adultos? Quais as especificidades dessa faixa etária?’ Procurando responder as essas indagações e aos desafios apresentados por seus alunos, vão tentando adaptações, mudanças de postura, de estratégias e de conteúdo (BRASIL, 2002, p.13).

Prática pedagógica, seja esta apropriada, é um dos fatores principais para motivar o aprendizado dos alunos, pois como diz Cunha (1996 p. 107) “o comportamento do professor influencia o comportamento dos alunos e vice-versa”. Sendo assim, cabe ao educador sempre repensar seus métodos e proporcionar uma formação de qualidade àqueles que estão sendo instruídos por ele. Cabe ao professor, tentar direcionar a educação dos seus alunos para a construção de cidadania, de forma que se tornem seres pensantes e críticos, atuando positivamente na sociedade em que vivem.

De acordo com Freire (1999, p.41):

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se.

Desse modo vem a necessidade de entrelaçar a prática pedagógica aplicada em sala de aula com o cotidiano dos alunos. Existe na prática pedagógica dois tipos de modelos educativos: o conservador ou tradicional e o emergente.

Esse modelo educativo é pautado no ensino conservador, valoriza a memorização dos conceitos e informações expostas, sistematizadas e demonstradas pelo professor, sendo este muito parecido com a base empirista, onde o professor se faz o detentor do saber.

Com relação à prática docente conservadora e suas influências, Behrens e Oliari (2007, p.8) afirmam que:

O aluno passa a ser nesse modelo apenas espectador, exigindo o professor dele a cópia, a memorização e a reprodução dos conteúdos. No paradigma conservador, a experiência do aluno não conta e dificilmente são proporcionadas atividades que envolvam a criação. A prática pedagógica tradicional leva o aluno a caracterizar-se como um ser subserviente, obediente e destituído de qualquer forma de expressão. O aluno é reduzido ao espaço de sua carteira, silenciando sua fala, impedindo de expressar suas ideias. A ação docente concentra-se em criar mecanismos que levem a reproduzir o conhecimento historicamente acumulado e repassado como verdade absoluta.

Já no ensino baseado no modelo da prática educativa emergente tem por princípio proporcionar uma prática pedagógica crítica, reflexiva e transformadora que possibilite aos educandos um aprendizado construtivo. Confirmando tal ideia, afirma Gil (2007, p.7) que “a medida que a ênfase é colocada na aprendizagem, o papel predominante do professor deixa de ser o de ensinar, e passa a ser o de ajudar o aluno a aprender”.

Desse modo, o modelo emergente de ensino não se compreende por uma prática hierarquizada e sim por um exercício de aprendizagem coletiva, como afirma Pimenta e Anastasiou (2002) ao dizerem que ensinar é um trabalho conjunto que envolve uma parceria entre professores e alunos dando, deste modo, um novo olhar para os processos de ensinar e aprender na sala de aula.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Desafios no Retorno a Sala de aula da EJA

Conforme descrito anteriormente, foi feito um estudo de caso na turma de EJA da Escola Estadual Esperidião Monteiro, localizada no município de Santo Amaro das Brotas- SE. Foi aplicado um questionário para quatro alunos, cujos nomes não serão divulgados por questões éticas. Serão aqui denominados como Educando 1, 2, 3 e 4.

Segue abaixo a análise das respostas.

Ao serem questionados se o tempo que ficaram sem estudar foi prejudicial, responderam:

Educando 1: *Sim.*

Educando 2: *Sim, porque perdi a oportunidade de trabalho.*

Educando 3: *Sim.*

Educando 4: *Sim.*

Observou-se que ao sair do contato com os ensinamentos que são proporcionados pela educação básica, os cidadãos começam a sentir dificuldade para conseguir conquistar a vaga de emprego, e por falta de conhecimentos, a busca por melhoria de vida torna-se um processo mais difícil.

De acordo com Freire (1979), os alunos da EJA têm demonstrado uma conscientização maior no sentido de que o conhecimento é uma necessidade crítica da realidade. Ou seja, os educandos despertaram novamente os seus conhecimentos acadêmicos ao se conscientizarem da importância que estes trazem para a sua vida. Assim, a necessidade de se obter o certificado do ensino médio faz com que os educandos retornem para a sala de aula para dar continuidade aos seus estudos, sendo averiguado que cada pessoa em seu trajeto de vida possui os seus focos motivacionais para voltar à sala de aula.

A seguir foram questionados sobre o que os incentivou a voltar para a escola. As respostas obtidas foram:

Educando 1: *A minha filha, porque como eu ia ensinar a ela.*

Educando 2: *Ter melhor oportunidade de trabalho.*

Educando 3: *O trabalho.*

Educando 4: *Terminar os estudos.*

Estes notaram que o processo de alfabetização se faz essencial para o seu cotidiano traz formação para eles, desperta o desejo de progredir no universo acadêmico, assim, buscando preparação para a realidade na qual vivem. Freire (2005) conceitua que a principal característica da existência humana é a condição de inacabados, com isso, possibilitando a capacidade de transformar essa condição, na qual é visualizada no processo educativo.

Enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo. (FREIRE, 2005, p.66)

Diante disso, ao analisar as respostas dos educandos, percebe-se que estes sujeitos estão em constantes reflexões e análises sobre o mundo que lhes cerca. Dessa forma, eles passam a perceber mais as dificuldades que possuem para se integrar no sistema da realidade por já terem vivenciado experiências de muitas vezes perderem oportunidades em seu crescimento pessoal e profissional. Contudo, passa a ser despertado o anseio para retornar aos estudos, o que os leva a

identificar, a influência que o processo educativo traz para o desenvolvimento humano diante da sociedade.

A seguir os discentes foram questionados sobre as dificuldades encontradas por eles em sala de aula. As suas respostas foram:

Educando 1: *A minha dificuldade é não grava na mente.*

Educando 2: *A leitura.*

Educando 3: *Inglês.*

Educando 4: *Algumas matérias inglês, português.*

Ao retornarem para a sala de aula os alunos passam por período de adaptação, mesmo já tendo vivenciado a socialização em sala de aula em algum momento do trajeto de sua vida, o processo com a modalidade da EJA é novo para eles, e por isso apresentam dificuldades na aquisição de conhecimentos.

Mediante a isto, Freire (1967), retrata que:

Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é um ser de transformação do mundo, seu quefazer educativo segue um outro caminho. Se o encararmos como uma “coisa”, nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação do homem. Se o encararmos como pessoa, nosso quefazer será cada vez mais libertador (FREIRE, 1967, p. 124).

Quando o sujeito passa a compreender que está no mundo como ser histórico e cultural, seu processo de adaptação torna-se gradativamente mais rápido, por se sentir íntegro ao ambiente em que está convivendo, sendo possibilitado aprendizagem mais ágil, no qual as dificuldades passam a reduzir á medida que se adaptam ao mundo novo em que estão tendo contato.

É notório que, além das motivações que levam os discentes a retornarem aos estudos, os incentivos os fazem sempre progredirem e quererem estar em constante busca de melhorias para a sua vida. Assim, os educandos foram questionados se recebem estímulos por parte dos professores em sala de aula, obtive-se como respostas:

Educando 1: *Sim.*

Educando 2: *Sim. Da professora.*

Educando 3: *Sim.*

Educando 4: *Sim. Querendo mostra que é mais fácil do que parece.*

Observa-se que de forma sucinta, os educandos afirmam que recebem incentivos dos professores. O diálogo entre professor e aluno os faz analisarem e refletirem sobre o ser diante da sociedade, assim indo de acordo com Freire (1986) que relata que o diálogo é uma ferramenta que proporciona uma comunicação crítica na qual promove reflexão sobre a realidade, afirma que “[...] o diálogo, é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos”. (FREIRE, 1986, p.64). À medida que os discentes são incentivados por meio do diálogo em que estabelece um vínculo entre professor-aluno, os educandos sentem-se mais acolhidos e com sentimentos que podem chegar longe, assim como, desenvolvem seus pensamentos e comunicação crítica.

Visto que, os educandos da modalidade da EJA possuem suas rotinas corriqueiras e cansativas, é importante que a introdução dos conteúdos e materiais parta da realidade deles para que possam estar mais integrados, de forma prazerosa, aos estudos. Sobre isso, os alunos foram indagados se o material que é utilizado corresponde à realidade deles, e os retornos obtidos foram:

Educando 1: *Sim. Porque eu gosto.*

Educando 2: *Sim.*

Educando 3: *Sim.*

Educando 4: *Sim.*

Observa-se através das respostas que os alunos se integram com o aprendizado dos conteúdos disponibilizados, sentem aproximação com os materiais que são utilizados em sala de aula, porque além de estarem sendo incentivados, os conteúdos partem da realidade em que vivem. A educação freiriana visa uma educação histórica contextualizada, em que esclarece a realidade na qual o sujeito se encontra, para Freire (2000, p. 92) “a prática educativa histórica, não pode estar alheia as condições concretas do tempo e espaço em que se dá, tem que ver fundamentalmente com a maneira como entendo a nossa presença – dos seres humanos – no mundo.”

Os discentes são oportunizados a vivenciarem os conhecimentos significativos, dos quais eles começam a compreender a sua realidade além de contextualizarem com conhecimento científico, assim, começam a desenvolverem os seus pensamentos críticos e reflexivos, despertando novos olhares e conceitos sobre o seu contexto histórico, político e cultural.

3.2 Práticas e Desafios Docentes na EJA

Em continuidade á pesquisa, foram aplicados questionários a três professores da mesma instituição os quais foram nomeados como Educador 1, 2 e 3. Ao serem questionados se eles sentem dificuldade no processo de alfabetização, teve-se como respostas:

Educador 1: *Às vezes.*

Educador 2: *Sim. Quando os alunos ficam muito tempo sem estudar e retornam, eles voltam receosos, tímidos e tendo que rever muitos conteúdos; nós professores, temos que nos adaptar aos novos alunos para acompanhar o processo.*

Educador 3: *Sim.*

Os educadores ao se depararem com as turmas de EJA, sentem certas dificuldades, por esta modalidade de ensino encontrar-se no meio de uma sociedade opressora em que se vê constantemente a educação verticalizada, visto que os educandos chegam a instituição com a credibilidade de que eles são seres passivos que só estão lá para absorver conteúdos como relata Freire (2002), em sua concepção de educação bancária, que os professores são detentores dos conhecimentos e depositam nos alunos, enquanto estes recebem os conteúdos memorizando e arquivando. Uma vez que os professores, percebam esta direcionalidade devem tornar os educandos mais participativos em sala de aula.

Para que isso seja efetivado os educadores precisam estar em constante análise sobre as metodologias desenvolvidas em sala de aula, desse modo, foi interpelado aos docentes, se eles acham que a metodologia utilizada é de fácil compreensão e estimula a interação entre os alunos, foram apresentados como respostas:

Educador 1: *Sim.*

Educador 2: *Sim. Porque eu trabalho com amor e primeiro faço o aluno gostar do professor, admirar a matéria e facilitar o conteúdo da melhor forma possível.*

Educador 3: *Sim. Aplico sempre atividades apropriadas e dinâmicas para a idade dos alunos.*

Observa-se que os educadores sempre estão buscando se aproximar dos educandos, fazendo-os se sentirem parte do processo, desta forma tornando o

desenvolvimento do ensino e aprendizagem de fácil compreensão, como relata Freire (2003), ao haver a presença de pertencimento e expressões existenciais, tanto os adultos como as crianças se envolvem nos processos educacionais.

De acordo com as respostas obtidas no questionário, percebeu-se que a metodologia que os educadores estão utilizando parte da realidade que os alunos se encontram, para que estes se sintam parte de todo o processo. Na sequência os educadores foram indagados se os conteúdos vistos em sala estão contextualizados ao aluno, e o retorno que se obteve foi:

Educador 1: *Sim.*

Educador 2: *Sim. Porque associo o conteúdo com a realidade do aluno (a).*

Educador 3: *Sim. Procuo aplicar o conteúdo mostrando as diversas maneiras do aluno entender o conteúdo e aplicar em seu dia a dia.*

Portanto, os educadores analisam o contexto e realidade dos educandos, passando a compreender os pensamentos que estes possuem, para que os conteúdos a serem aplicados partam da realidade em que convivem, conseqüentemente eles se sentem integrados ao que está sendo apresentado na sala de aula por vivenciarem os momentos, por conhecerem os temas, levando, assim, os educadores a ampliarem os conhecimentos que os discentes possuem, passando a agregar os conceitos científicos.

Concordando com o pensamento de Freire (2003) em que demonstra que é inviável os educadores ensinarem conteúdo sem saber como os discentes pensam no contexto de sua realidade para que seja possibilitado o desenvolvimento dos conteúdos a partir dos seus conceitos prévios. Além de proporcionar ajuda para os educadores que analisam o que os educandos já sabem e buscam aprimorar o que já conhecem como também ensinar o que ainda não sabem. Fazendo com que o processo de ensino e aprendizagem seja contextualizado com a realidade que os educandos vivenciam.

Mediante a isto, surge o contexto atual da tecnologia, um meio vigente que existe na nossa realidade, que vem como facilitador nas atividades diárias, porém para as pessoas que não se familiarizam com este meio torna-se difícil a convivência diária, sendo que a tecnologia em sala de aula dinamiza as aulas lecionadas despertando novos olhares. Nesse sentido, os educadores foram

questionados se eles utilizam algum meio tecnológico para melhorar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, como respostas obteve-se:

Educador 1: *Sim. Celular.*

Educador 2: *Não. Pelas dificuldades encontradas na escola.*

Educador 3: *Não. Dificuldade de manusear a tecnologia.*

Observa-se que mesmo a tecnologia sendo de forte presença no convívio diário nem todas as instituições possuem acesso de forma que atinja as necessidades presentes, além disso, também é fato que existem educadores que não sabem utilizar o meio tecnológico como recurso em sala de aula. De acordo com Freire (2002) o conhecer não vai transformar o sujeito em objeto que somente recebe os conteúdos que são impostos, pelo contrário, para que se haja o conhecimento é preciso haver curiosidade sobre o mundo, demanda de ações transformadoras e buscas constantes.

Desta forma, visualiza-se que a utilização das alternativas tecnológicas pelos educadores em sala de aula facilita e também atrai a curiosidade sobre os novos saberes, pois é sabido que para o manuseio das tecnologias não são estabelecidas idades e sim curiosidade e responsabilidade em atuar na cibercultura. Assim sendo, a tecnologia precisa de um posicionamento de transformação do sujeito, sujeito este que faz parte de toda a instituição, desde o aluno até o diretor.

Os docentes também foram questionados sobre como eles observam o rendimento dos alunos ao final da aula, as respostas foram:

Educador 1: *Foi satisfatório.*

Educador 2: *Foi satisfatório. Após a conversa final, não vejo dificuldade. Caso aconteça, retornamos na próxima aula revendo o conteúdo, para depois acessar o novo assunto.*

Educador 3: *Foi satisfatório.*

Por meio das observações que são realizadas em sala de aula pelos docentes, é possível que eles tirem suas conclusões sobre o aproveitamento dos alunos e se as metas das aulas foram atingidas. Como relata Freire (1987) os humanos não são constituídos no silêncio, mas sim na ação-reflexão, nas palavras, no trabalho. Sendo possível a realização da reflexão sobre as aulas lecionadas na qual leva os educadores a tomarem suas conclusões como satisfatórias ou não.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo da alfabetização no ensino da EJA, apresenta seus desafios durante as ações práticas para se alcançar as metas. Os educandos que pertencem a esta modalidade possuem suas bagagens de conhecimento e buscam compreender certas realidades que são desconhecidas em sua visão enquanto os educadores expandem os olhares ao observarem que o seu público está ali com um propósito, porém são educandos que já passaram maior parte do seu dia trabalhando, organizando seu lar e chegam na instituição cansados.

O objetivo proposto foi analisar as dificuldades e possibilidades na alfabetização no jovens e adultos, conforme foi apresentado no decorrer deste trabalho, a EJA vem como oportunidade de estudos para as pessoas que não conseguiram terminar os estudos no tempo regular. Sendo que o perfil dos educandos que chegam nessa modalidade de ensino, trabalha a maior parte do seu dia cumprindo com suas responsabilidades. Estes ao chegarem na sala de aula encontram o desafio de superarem o cansaço do dia e os desafios de compreensão dos conteúdos escolares que estão ali presentes, como também os educadores encontram dificuldades por sentirem os educandos retraídos. Mas para a redução destas dificuldades os educadores buscam meios para que os alunos se sintam mais próximos dos conteúdos.

Mediante a isto os educandos possuem suas dificuldades ao retornarem à escola por passarem um período sem o contado com os conteúdo curricular, assim havendo uma retração para o envolvimento em sala de aula, no entanto os educadores compreendem a subjetividade dos educandos e desenvolvem métodos que tornem os educandos mais próximos aos conteúdos e o aprendizado seja desenvolvido de maneira efetiva e significativa.

Com isso, este trabalho foi realizado com intuito de descobrir se a alfabetização de jovens e adultos tem sido suficiente para que eles saiam prontos para o mercado de trabalho. Visto que os conteúdos a serem trabalhados partem da realidade dos educandos, visando auxiliar nos objetivos e metas que os educandos possuem ao adquirirem estes conhecimentos.

As concepções de Freire dentre outros autores como relatados neste trabalho, mostra que as práticas de ensino partindo da realidade dos educandos faz com que o processo de aprendizagem se torne significativo, quando contextualizado com a cultura e política do público presente em sala de aula. Possibilitando assim a

ação e reflexão dos educandos em meio a sociedade levando-os a serem pessoas críticas e reflexivas.

Visto que a pedagogia de Freire permanece atual e presente objetivando a formação de sujeitos críticos e cidadãos engajados no processo de transformação da realidade social presente.

É perceptível a importância da tecnologia e a necessidade de que o educador faça uso dela para facilitar as tarefas, dentro do contexto de seus alunos, mas sempre sendo instigado, seguindo a visão que Paulo Freire traz, em que não devemos ser submersos e reféns da tecnologia, não se permitir que esta prive da criatividade humana. Nesse sentido percebe-se que a tecnologia é uma possibilidade presente na EJA e ao mesmo tempo um desafio.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996, p.209.
- BEHRENS, Marilda Aparecida, OLIARI, Anadir Luiza Thomé. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional a complexidade. **Diálogo Educacional**. Curitiba, v.7, n.22, p.53-66, set./dez. 2007.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e os métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Diretrizes e bases para a educação nacional**: Lei nº 9394/96. Brasília, 1996.
- BRASIL. **Proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: segundo segmento do ensino fundamental (5ª a 8ª série) – Introdução. Brasília: MEC/SEF, 2002. v. 1.
- CUNHA. M. I. O bom professor e sua prática. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1996.
- Curso de formação de alfabetizadores BB educar**, textos, complementares, p. 26-57; 2005
- EUDUCA + BRASIL. T. **Tudo sobre EJA: o que é e como funciona?** 2020. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/tudo-sobre-eja-o-que-e-e-como-funciona>>. Acesso em: 16 fev. 2022;
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FREIRE P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização**. Acervo Digital Paulo Freire (1967). Disponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/1127>> Acesso em 03 de Maio 2023
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para Liberdade e Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24ª Ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Freire, P. **Educação e mudança** Paz e Terra. (1979)

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GIL, Antônio Carlos. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GOODE, Willian J. e HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1973.

MELLO, Guiomar Namó de. **Escolas eficazes, um tema revisitado**. Brasília: IPEA, 1993.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização de Adultos**: desafios à razão e ao encantamento. Educação de Jovens e Adultos. Jaqueline Moll (Org.) Sita Mara Lopes Sant'Anna... [et al] -Porto Alegre: Mediação, 2004.

MUCC HIELLI ROGER. **A Formação de Adultos**. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1981.

PEDRO AUGUSTO DE OLIVEIRA DINIZ - MONOGRAFIAS BRASIL ESCOLA. T. **Educação de Jovens e Adultos**: Reflexões, Perspectivas e Desafios. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/educacao-jovens-adultos-reflexoes-perspectivas-desafios.htm>>. Acesso em: 17 fev. 2023;

NOGUEIRA M.O.G. **Aprendizagem do Aluno Adulto**: Implicações para a prática Docente no Ensino Superior. Curitiba: IBPEX, 2009.

NOVA ESCOLA, gestão. T. **Os desafios para garantir a Educação de Jovens e Adultos** 2014. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/114/os-desafios-para-garantir-a-educacao-de-jovens-e-adultos>>. Acesso em: 18 fev. 2023.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Graças Camargo. **Docência do ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

TELES, Damares Araujo. et al. **Educação de Jovens e Adultos**: desafios e possibilidade na alfabetização. São Luís. Revista Educação e Emancipação. V.9, n1. 2016.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Lilian Monteiro Alves do Nascimento, acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientado (a) pela Prof. (a) Carla Daniela Kohn, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema versa sobre: Dificuldades e Possibilidades na Alfabetização de Jovens e Adultos, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

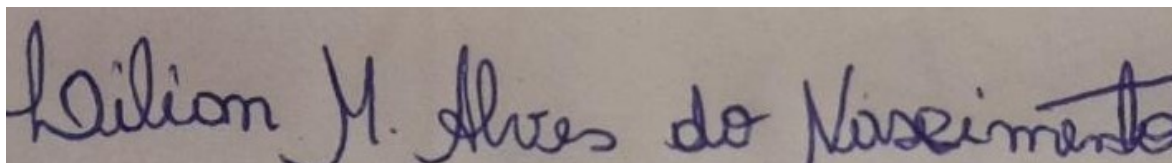
O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 12/ 06/ 2023.



Assinatura da aluna concluinte